



ENTRE O ELOGIO E A SÁTIRA: JÚLIO DE CASTILHOS NAS PÁGINAS DA IMPRENSA ILUSTRADA DO RIO DE JANEIRO NOS ANOS 1890

Aristeu Elisandro Machado Lopes*
Universidade Federal de Pelotas – UFPel
ARISTEUUFPEL@YAHOO.COM.BR

RESUMO: Entre os periódicos que circularam no Rio de Janeiro estavam a **Revista Ilustrada** (1876-1898) e o **Don Quixote** (1894-1903). Ambos abordaram a primeira década republicana adotando posições diferentes. Averiguar como os primeiros anos da República foram tratados nas páginas destes dois periódicos é o objetivo deste artigo. À análise pretendida foram selecionadas ilustrações e artigos de opinião sobre Júlio de Castilhos, um dos líderes políticos da Revolução Federalista de 1893 no Rio Grande do Sul. As notícias e imagens demonstram que o conflito no sul não estava distante das discussões políticas do centro da República, o Rio de Janeiro, merecendo destaque em seus jornais ilustrados. Ainda, a Revolução possibilitou aos jornais exporem opiniões diferentes em relação ao andamento da República e aqueles que estavam em seu governo.

PALAVRAS-CHAVE: República – Imprensa ilustrada – Revolução Federalista de 1893 – Rio de Janeiro.

ABSTRACT: **Revista Ilustrada** (1876-1898) and **Don Quixote** (1894-1903) are periodicals found in Rio de Janeiro in the XIXth Century. Both approached Republic's first decade, but adopted different positions. The purpose of this article is to find how the first years of Republic were discussed in these two periodicals. Thus, we selected illustrations and opinion articles on Júlio de Castilhos, one of the main leaders of Federalist Revolution in 1893, Rio Grande do Sul. News and images show that the struggle in the South was not distant from political arguments in the Republic's heart – Rio de Janeiro -, and they were given highlights on its illustrated newspapers. Still, Revolution enabled newspapers to report distinct opinions on the course of Republic and its agents.

KEYWORDS: Republic – Illustrated press – Federalist Revolution in 1893 – Rio de Janeiro.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O jornalismo alcançou um desenvolvimento notável a partir das últimas décadas do século XIX. Nestes anos circulavam no Brasil uma gama variada de jornais e periódicos, entre os quais, os ilustrados. Apresentados sempre destacando sua vertente

* Professor Adjunto da Universidade Federal de Pelotas e membro do Núcleo de Documentação Histórica/UFPel. Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

humorística, esses jornais de circulação semanal tratavam de assuntos variados abordando a vida cotidiana e política do Brasil em suas páginas destinadas às ilustrações. O Rio de Janeiro, primeiro como Corte do Império e depois como Capital Federal da República, concentrou um número significativo de periódicos. Os mais significativos iniciaram sua circulação nos anos 1860 e 1870 como a **Semana Ilustrada** (1860-1876) de Henrique Fleiuss, **O Mequetrefe** (1875-1893) e **Revista Ilustrada** (1876-1898) fundada por Angelo Agostini.

Após a Proclamação da República em 1889 muitos dos antigos periódicos do período imperial já não circulavam ou enfrentavam dificuldades para se manter¹. Outros passaram por problemas com os primeiros governos republicanos tendo suas redações fechadas e seus jornalistas presos e enviados para o norte do país². Outros jornais acabaram se adaptando a situação política ou se posicionando favoráveis a administração da República. Esse parece ter sido o caso da **Revista Ilustrada**³; indignado com a situação do periódico, o caricaturista que havia retornado de Paris, cidade na qual estava desde 1888, resolveu fundar um novo jornal ilustrado, **Don Quixote** (1895-1903), apresentando aos seus leitores as críticas ao governo republicano do presidente Prudente de Morais.

Desde então, os dois periódicos passaram a abordar assuntos iguais em perspectivas diferentes, evidenciando que os responsáveis por suas confecções defendiam pontos de vista díspares em relação ao desempenho daqueles que estavam no comando do governo da recém proclamada República. A Revolução Federalista de 1893 ocorrida no estado do Rio Grande do Sul e um de seus principais líderes políticos, Júlio de Castilhos, exemplifica as posições heterogêneas apresentadas pelos periódicos. Averiguar essas contradições expostas nas páginas desses dois jornais nos primeiros anos da República a partir da guerra no sul é o objetivo pretendido neste artigo.

¹ **O Mequetrefe** exemplifica essa situação. Não conseguiu manter a sua circulação que foi encerrada em 1893 devido as dificuldades financeiras e de administração após a morte de seu proprietário Eduardo Joaquim Correa em 1891.

² Sobre prisões de opositoristas ao governo que atuavam na imprensa ver: SILVA, Ana Carolina Feracin da. **Entre a pena e a espada: literatos e jacobinos nos primeiros anos da República (1889-1895)**. 2001. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, 2001.

³ Essa questão será tratada a seguir; contudo, vale adiantar que os motivos que levaram Agostini a decidir não continuar seu trabalho na **Revista Ilustrada** e fundar um novo periódico é uma incógnita mas, algumas hipóteses podem ser levantadas. O direcionamento político da *Revista* no momento do seu retorno ao Brasil é apontado como um provável motivo para sua atitude.

As considerações à política do tempo não ficaram restritas somente ao que acontecia no Rio de Janeiro, a Capital Federal. Alguns dos conflitos e revoltas nos estados que ocorreram nos primeiros anos após a Proclamação também surgiam nas páginas da imprensa ilustrada⁴. Um desses conflitos foi a Revolução Federalista de 1893, abordada a partir de um de seus principais expoentes, Júlio de Castilhos.

A Revolução Federalista de 1893 foi um conflito armado que opôs de um lado favoráveis ao Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, Júlio de Castilhos, e do outro, correligionários de Gaspar Silveira Martins. A rebelião foi iniciada pelo grupo dos “gasparistas” que assim como outras facções do poder local foram retiradas do cenário político rio-grandense em 1889 com a Proclamação da República e com a ascensão de Júlio de Castilhos. A guerra civil foi iniciada em 1893 e findou em 1895 com a vitória dos “pica-paus” como eram chamados os castilhistas, enquanto seus adversários formavam o grupo dos “maragatos”⁵. O conflito no Rio Grande do Sul foi acompanhado pela **Revista Ilustrada** e, já próximo ao seu encerramento, também foi noticiado pelo **Don Quixote**. A posição de Agostini sobre esse conflito e aquela apontada nas páginas da **Revista Ilustrada** permitem averiguar que as opiniões dos dois periódicos foram distintas. A análise começa pelas páginas da **Revista Ilustrada**, antes, contudo, uma consideração importante deve ser explicada.

A explicação se refere ao comportamento dos jornais, ou seja, não foram publicadas críticas de um periódico direcionada ao outro. Ambos mantiveram uma relação de cortesia e a divergência nas opiniões não significava a necessidade de publicações de artigos ou ilustrações ofensivas de um em relação ao outro. Parte dessa cortesia se deve, possivelmente, pela **Revista Ilustrada** ter sido fundada por Agostini e por seus responsáveis ainda manterem o respeito para com seu fundador. Essa condição, por exemplo, é encontrada no cabeçalho do periódico que apresentou o dístico “Fundada por Angelo Agostini” até o número 730 de abril de 1897, ou seja, continuou por meses após o aparecimento do **Don Quixote**, que foi em janeiro de 1895, e somente

⁴ Outro tema noticiado pela imprensa ilustrada foi a Guerra de Canudos (1896-1897).

⁵ Sobre a Revolução Federalista ver: ALVES, Francisco das Neves. **Pensar a revolução federalista**. Rio Grande: FURG, 1993; PESAVENTO, Sandra. **A Revolução Federalista**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

foi retirado nove números antes do seu encerramento. Do outro lado, Agostini manteve o mesmo tom: não se referiu de forma crítica ao seu antigo periódico e nem demonstrou afeto.

A **Revista Ilustrada** noticiou o conflito rio-grandense logo no começo dos primeiros confrontos em 1893. No número 657 de março de 1893 destacava os embates nas cidades de Bagé, São Borja, Santana do Livramento e Dom Pedrito. Já no número posterior, ainda de março, a página oito apresentava os retratos dos principais líderes revolucionários, entre os quais, Gaspar da Silveira Martins, Barros Cassal e o General Silva Tavares. (Figura 01) A nota que chamava a atenção do leitor para as imagens não apontava uma opinião, afirmando que agindo dessa forma satisfazia a “curiosidade natural aos que acompanham o movimento do longínquo estado”.⁶ A “curiosidade natural” não foi, contudo, entendida no Rio Grande do Sul, quando o periódico chegou ao Estado. Conforme noticiava a **Revista** no número 660, de abril de 1893, a Livraria Americana, de Porto Alegre, expôs o jornal com os retratos em sua vitrine, que foi apedrejada por simpatizantes de Castilhos. O periódico lastimava tal atitude e no artigo salientou que após esses, outros retratos, com os principais comandantes das tropas federais também seriam veiculados, o que foi realizado num dos números seguintes.

O conflito ocorrido na capital do Rio Grande do Sul foi o motivo para o jornal explicar aos seus leitores que não estava nem do lado dos insurgentes e nem do lado das tropas legalistas, seu objetivo era apenas “satisfazer a curiosidade pública, sem preocupação política”:

A **Revista Ilustrada** não apóia governos, nem tão pouco necessita combatê-los. Folha ilustrada de caráter meramente humorístico, ela tem para todas as situações a verve da sátira, o espírito acerado da ironia, sem todavia descer nunca ao insulto ou a violência. Ameaçada ou perseguida por governos, ela tem se empenhado só em defesa de ideias que tem visto triunfantes.⁷

O periódico explicitava nesse artigo que seu empenho não era propagar, defender ou combater a causa dos revolucionários no Rio Grande do Sul assim como não tinha o objetivo de se colocar contra ou a favor do governo. A intenção do jornal ao apresentar os retratos era apenas informar e sanar a curiosidade dos leitores. Por conseguinte, quando a edição chegou em Porto Alegre foi mal-entendida e sobrou

⁶ **REVISTA ILLUSTRADA**, n. 658, março/1893.

⁷ *Ibid.*, n. 660, abril/1893.

retaliação para os vidros da Livraria Americana. Como destacou o articulista, o número seguinte apresentava os retratos do outro lado beligerante e se tivessem chegado os dois números juntos possivelmente os leitores porto-alegrenses entenderiam a posição do periódico.



Figura 01: Retratos de alguns chefes revolucionários

Fonte: **Revista Ilustrada**, Rio de Janeiro, n. 658, p.8, março/1893. Acervo: Arquivo Edgard Leuenroth/UNICAMP/ Campinas-SP

A notícia do que ocorreu em Porto Alegre demonstra que o caráter aguerrido da **Revista** nos tempos em que Agostini estava à frente de seus desenhos era outro. Já não defendiam uma grande causa como a Abolição dos Escravos, consagrada em 1888, por exemplo. O texto apresentava essa condição destacando que, apesar de ameaçada ou perseguida, sempre defendeu ideias que triunfaram, mas a causa dos revolucionários do Rio Grande do Sul não fazia parte dessas defesas, assim como não seriam contrários. Essa posição foi mantida pelo periódico que não noticiou com afincos o desenvolvimento da Revolução Federalista, que retornou às páginas quando do seu encerramento em 1895.

Nesse ano, com o fim do conflito, o jornal solicitava ao Presidente Prudente de Moraes que fosse enérgico ao punir os revoltosos, ou seja, aqueles que contestavam a presidência de Júlio de Castilhos. Ainda nesse mesmo texto o articulista, que não assinou, deixava aparecer uma tendência pró-castilhista e afirmava que o “Sr. Comandante Castilhos” havia denunciado que os revoltosos eram partidários de um movimento monarquista. Conforme o jornal, a condenação deveria ser realizada, pois os revoltosos não estavam “se mostrando arrependidos, pelo contrário, afrontando de novo o poder constituído, como o afrontaram na passada situação”.⁸ Pelo teor deste artigo é possível considerar que o tom do periódico se tornou diferente daquele visto no início da revolução no sul. Se antes o motivo era apenas satisfazer a curiosidade dos leitores sobre os principais envolvidos no início do conflito, a posição durante o término da Revolução era outra: além de cobrarem punição severa aos insurgentes, denunciavam que se tratava de uma conspiração monarquista e que colocava em risco o governo republicano legalmente constituído. A Revolta Federalista, contudo, como salienta Sergio da Costa Franco não tinha como meta a restauração monárquica, a ideia central era o “esmagamento do castilhismo, apontado como uma encarnação de uma tirania opressiva, cruel e desligada da opinião pública”.⁹

A **Revista Ilustrada** anunciava o fim da Revolução Federalista com o retrato de Júlio de Castilhos na primeira página. (Figura 02) O Presidente do Estado do Rio

⁸ **REVISTA ILLUSTRADA**, n. 678, março/1893.

⁹ FRANCO, Sérgio da Costa. **Júlio de Castilhos e sua época**. Porto Alegre: UFRGS, 1996, p. 135.

Grande do Sul foi ilustrado na página que era geralmente destinada às homenagens, indicando que o jornal e seus responsáveis nutriam uma simpatia por ele. Acompanhando-o, o desenhista colocou as duas constituições, a Federal e a do Rio.



Figura 02: Retrato de Júlio de Castilhos

Dr. Júlio de Castilhos. Governador do Rio Grande do Sul enérgico e intemerato republicano, que muitos e bons serviços tem prestado as instituições vigentes.

Fonte: **Revista Illustrada**, Rio de Janeiro, n. 694, p. 1, set./1895. Acervo: Arquivo Edgard

Leuenroth/UNICAMP/ Campinas-SP

Grande do Sul, sugerindo que o fim da Revolução Federalista foi proporcionado não apenas pelas forças do governo como também que suas decisões estavam amparadas na lei. Em outras palavras, para resolver o conflito, Castilhos e seus aliados (entre os quais o Presidente Prudente de Moraes) não ultrapassaram o que estava exposto e assegurado nas constituições republicanas, seguindo seus preceitos e sem exceder o poder legalmente a eles conferidos. A legenda considerava o presidente do Rio Grande do Sul como um “enérgico e intemerato republicano, que muitos e bons serviços tem prestado as instituições vigentes”.

Assim como o retrato, o texto publicado na página dois também apresentava essa perspectiva, e discordavam, portanto, do que foi publicado pelo jornal depois do atentado contra a Livraria Americana em Porto Alegre no começo da Revolução. Naquele artigo, deixavam claro que não defendiam e nem combatiam governos; contudo, a forma de apresentação de Castilhos e a maneira de noticiar o fim do conflito direcionam para uma posição favorável ao governo dele e à sua atitude ao findar o conflito. O texto salientava que a paz no sul foi fruto do “benemérito governador do Rio Grande do Sul” e que ele “nunca se recusou a sacrifícios para tornar uma realidade essa grande aspiração nacional”. Concluía afirmando que todos estavam felizes pelo fim das guerras que os adversários das instituições faziam contra o governo e saudavam “o Dr. Prudente de Moraes e seus dignos auxiliares, assim como o Dr. Júlio de Castilhos e a quantos, tão eficazmente, os auxiliaram”.¹⁰

Alguns números depois de noticiarem a pacificação no Rio Grande do Sul outro artigo tratava de uma mensagem enviada pelo Presidente Júlio de Castilhos ao Congresso Nacional. A opinião do articulista, que apenas colocou as iniciais A. M. ao assinar o seu texto, expunha a mesma opinião que o anterior. No entanto, neste o periódico colocava também uma posição sua em relação à política interna do país e dos conflitos que abalavam a Constituição republicana:

[...] quem, como nós, tem tido por ideal colocar os interesses reais do nosso país muito acima das paixões partidárias e do interesse particular, não pode, certamente, ter o direito de desconhecer a luta homérica por aquele nobre espírito sustentada contra os corvos da dignidade nacional.¹¹

O “nobre espírito” era Júlio de Castilhos e os corvos os seus opositores. O texto é paradoxal já que salienta que seu objetivo era apenas os interesses nacionais, acima das paixões políticas e, contudo, acaba direcionando sua argumentação favorável ao presidente rio-grandense.

Uma hipótese ao apoio dado pelo jornal a Júlio de Castilhos pode ser apontada nessas contradições. Como a posição do periódico se pautava na defesa dos ideais nacionais e contra os interesses particulares, o conflito no Rio Grande do Sul foi visto como um ponto de divergência, que se dirigia contra os ideais nacionais da República. Agindo dessa forma, o jornal parece ignorar, propositalmente, que a guerra no sul

¹⁰ **REVISTA ILLUSTRADA**, n. 694, setembro/1895.

¹¹ *Ibid.*, n. 701, novembro/1895.

ocorreu entre dois grupos que disputavam o poder no Estado e que cada um tinha seus argumentos e motivações; um, o grupo de Castilhos, para permanecer no poder e o outro, de seus opositores, para retirá-lo e substituí-lo por um de seus representantes.

Por outro lado, uma segunda hipótese ainda pode ser considerada: que eles eram conhecedores dessas diferenças e defendiam o governo de Castilhos, visto como legítimo, e que o confronto desencadeado por seus adversários não condizia com os ideais pátrios defendidos. Num tempo marcado por uma maior difusão das notícias, tanto pelos telégrafos como pelas rotas marítimas, entre os vários estados do Brasil, não parece ser possível que os jornalistas e responsáveis pelo periódico fluminense desconhecêssem as razões e os motivos que indispuseram maragatos e pica-paus. Assim, é possível apontar que a **Revista** optou por noticiar apenas um dos lados tendo como objetivo defender a legitimidade da República a qual estava, na sua opinião, com o grupo de Castilhos.

O tom simpático da **Revista Ilustrada** por Castilhos ficou mais evidente no aniversário de 20 anos do periódico, em janeiro de 1896. Na ocasião ocorreu uma troca de telegramas entre os responsáveis pelo jornal e o Presidente. O primeiro, enviado pela redação, felicitava o “benemérito” como um dos “heróis da resistência republicana no sul”; já o homenageado respondeu assegurando que as “honrosas saudações” causavam a ele um “justo desvanecimento” e ao retribuí-las felicitava a “brilhante folha republicana”.¹² Se tornava evidente que os responsáveis pelo periódico tinham uma simpatia por Castilhos, lembrado durante as comemorações do aniversário. As trocas dos telegramas também amparam a segunda hipótese elaborada antes, ou seja, as correspondências entre a Capital Federal e Porto Alegre não eram demoradas. Assim, essa agilidade nas comunicações indica que os jornalistas, que escreviam seus artigos opinando sobre o conflito no sul e seus representantes, se posicionando simpáticos a Castilhos, eram sabedores das bandeiras de luta defendidas pelos dois lados beligerantes.

O ano em que o conflito no sul foi finalizado foi o mesmo do começo da circulação do **Don Quixote**. O periódico teve falhas em seu percurso: em alguns momentos o jornal parou de circular e em outros não conseguiu manter a assiduidade. O nome do periódico é o mesmo do personagem principal do livro **Don Quijote de La**

¹² **REVISTA ILLUSTRADA**, n. 705, janeiro de 1896.

Mancha do espanhol Miguel de Cervantes. Don Quixote e seu fiel escudeiro Sancho Pancha, os protagonistas do romance, também foram aproveitados por Agostini que os transformou nos personagens símbolos do periódico. Os dois apareciam no cabeçalho do jornal e quase sempre interagiam com os assuntos abordados nas ilustrações. Em determinados desenhos, Don Quixote era um autorretrato de Agostini.

O porquê de Agostini não continuar após o seu retorno ao Brasil na **Revista Ilustrada** e publicar um novo periódico é uma incógnita. Algumas suposições foram levantadas por Gilberto de Oliveira. Num primeiro momento, conforme o autor, Agostini e Luiz de Andrade, sócio e redator da **Revista**, se encontraram após o seu retorno e resolveram continuar com a publicação do jornal, o que não aconteceu com a participação do caricaturista. Parece que Agostini se desentendeu com a parte administrativa¹³. Oliveira afirma que as razões para esse desentendimento são difíceis de serem determinadas.

A hipótese levantada por ele seria a perda do caráter irreverente do jornal referente aos assuntos da vida política ao longo dos anos. Para sustentar sua suposição, observa o momento posterior à Proclamação da República no qual a **Revista** em “sucessivas edições exibem textos e desenhos que beiram a adulação aberta”.¹⁴ Essa observação do autor vem ao encontro do que é tratado neste artigo, ou seja, para analisar se foi essa bajulação o que levou Agostini a se desligar do periódico e o que o motivou a fundar um novo jornal de humor e de crítica, cabe averiguar as opiniões de ambos os periódicos nos anos que circularam concomitantes. E é nessa averiguação que a Revolução Federalista de 1893 surge como um dos caminhos possíveis para apontar a decisão de Agostini.

No novo periódico Agostini adotou uma posição diferente daquela vista na **Revista Ilustrada** em relação ao conflito no sul do Brasil. Enquanto este periódico apenas veiculava retratos dos revolucionários e seus combatentes no começo da Revolução, afiançando que seu único interesse era sanar a curiosidade dos seus leitores

¹³ Essa informação foi dada pela neta de Agostini, Mariana Alvim, entrevistada por Marcus Tadeu Ribeiro e publicada na sua dissertação. RIBEIRO, Marcus Tadeu Daniel. **Revista Ilustrada (1876/1898), síntese de uma época**. 1988. Dissertação. (Mestrado em História Social). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro – IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro 1988.

¹⁴ OLIVEIRA, Gilberto M. **Angelo Agostini ou impressões de uma viagem da Corte à Capital Federal (1864-1910)**. 2006. Tese. (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo – FFLCH/USP, 2006, São Paulo, p. 197.

e depois acabou se posicionando simpática a Castilhos, as ilustrações do **Don Quixote** se posicionaram contrárias ao presidente rio-grandense.

Ao abordar num artigo sobre a pacificação no Rio Grande do Sul, o periódico solicitava que o Governo Federal encontrasse meios para realizá-la. Na opinião do articulista os desentendimentos no sul somente foram mantidos por longa data devido ao “capricho de um déspota ambicioso” numa referência clara a Júlio de Castilhos. Além disso, consideravam as atitudes do presidente como “atos de vandalismo” praticados em nome de uma “legalidade que está fora da lei, em nome de uma constituição inconstitucional, indecorosamente despótica e anti-republicana”.¹⁵ Já num outro artigo a crítica se deteve no Governo Federal, lembrando-o de seu dever de zelar pela constituição da República e se uma outra carta, como a estadual do Rio Grande do Sul, atacasse os seus princípios gerais, ela deveria ser reformada e seus poderes anulados. Nesse texto, o autor que não assinou, expressava uma opinião mais geral sobre o conflito, considerando que não se tratava de fazer a pacificação “com ou sem submissão dos revolucionários, transigindo ou não com os chefes federalistas: trata-se de cumprir e fazer respeitar a nossa constituição, perante a qual todo cidadão tem o dever de curvar-se”.¹⁶

No mesmo número em que foi publicado o artigo, numa outra seção intitulada “Tagarelices” o colaborador do periódico abordava novamente a pacificação no Rio Grande do Sul. Este foi mais enfático do que os dois anteriores e centrou sua crítica em Júlio de Castilhos e seus aliados. Conforme o texto, aqueles que desejavam a “pacificação pacífica” (sic) eram todos “sebastianistas” que aspiravam despojar a República. O tom irônico abordava uma declaração feita por Júlio de Castilhos, que considerava os seus opositores pertencentes a um movimento monarquista, questão abordada anteriormente na **Revista Ilustrada**. Já ao se referir à dignidade e à honra do presidente a ironia não foi empregada e sim uma posição aguerrida:

A dignidade, a honra do governo castilhista não está na abnegação patriótica que poupa o sangue de seus irmãos e evita o descrédito do país; está na total extinção dos federalistas, isto é, de todos os rio-grandenses que não querem reconhecer no Sr. Júlio de Castilhos um senhor, um czar com direito sobre a vida e os bens dos seus súditos. E isto é que é ser rrrrrrepublicano (sic), e tudo o que não for isto é sebastianismo, restauratismo e banditismo, que quer pacificação para

¹⁵ **DON QUIXOTE**, 27/04/1895.

¹⁶ *Ibid.*, 18/05/1895.

roubar aos castilhistas a sua autoridade, os seus rendosos empregos, o desinteresse dos seus fornecedores e dos seus agentes federais no Rio da Prata.¹⁷

Com essa passagem do artigo publicado no **Don Quixote** é possível verificar que a sua opinião sobre o conflito no Rio Grande do Sul foi diferente daquela professada pela **Revista Ilustrada**. Enquanto ela continuava na defesa de Júlio de Castilhos, considerando-o “benemérito” e um “herói da resistência republicana no sul” o **Don Quixote** o considerava como um czar, numa alusão ao título de poder usado pelos monarcas russos. O termo empregado na elaboração da crítica qualificava o presidente como um tirano que detinha o direito sobre as vidas e os bens dos rio-grandenses e que somente faria a pacificação com a morte de todos os seus adversários, os federalistas¹⁸. Estes eram todos acusados por ele de serem restauradores ou adeptos de movimentos antirrepublicanos. Contudo, o que o **Don Quixote** expunha era a falta de diálogo entre os lados beligerantes, sobretudo dos castilhistas, que não negociariam a paz enquanto seus adversários não fossem desmantelados. O herói da **Revista**, exemplo de republicanism e resistente aos seus opositores antirrepublicanos no sul, era concebido pelo **Don Quixote** ao contrário, ou seja, para Agostini e seus colaboradores Júlio de Castilhos era um anti-herói num conflito que para ele não havia bandidos e nem mocinhos, apenas dois lados com ideias e pontos de interesses políticos diferentes.

Apesar de não publicar dados sobre o número de mortos durante os anos da Revolução Federalista o periódico de Agostini assegurava que o lado castilhista não poupava “o sangue de seus irmãos”. A quantidade de combatentes assassinados no conflito, de ambos os lados, foi alto. Especula-se que somente a população masculina do

¹⁷ **DON QUIXOTE**, 18/05/1895

¹⁸ A crítica de Agostini a Júlio de Castilhos parece não ter se referido somente à guerra civil no Rio Grande do Sul. Sua opinião também foi contrária à sua atuação autoritária no gerenciamento do governo do Estado. Loiva Otero Félix assim definiu a ação de Castilhos e de seus apoiadores: “O projeto político republicano caracterizou-se por ser de cunho conservador autoritário, devido a preeminência da filosofia política de Júlio de Castilhos. Ela manifestou-se na ação frente aos municípios, visando desmontar a antiga máquina administrativa (e eleitoral) como forma de impor a ‘nova ordem’. O PRR, embora minoritário, chegara à República perfeitamente estruturado e coeso, sob a liderança férrea do carismático Júlio de Castilhos, encarnando os ideais da República autoritária de inspiração positivista”. (FÉLIX, Loiva Otero. **Coronelismo, borgismo e cooptação política**. Porto Alegre: UFRGS, 1996, p. 65.) Já Céli Pinto aponta que o novo governo republicano instalado no Rio Grande do Sul teve que enfrentar as redes de relações coronelistas e a popularidade do partido opositor: “Sem ser oligárquico e, portanto, sem dominar as relações de poder coronelistas, teve de articular outras forças de apoio. O PRR não lutou para conquistar para si o apoio dos coronéis, mas criou uma força de resistência a estes”. (PINTO, Céli. **O Positivismo**. Um projeto político alternativo (RS:1889-1930) Porto Alegre: L&PM, 1986, p. 15.)

Rio Grande do Sul diminuiu 1% durante os anos em que ocorreu a Revolução¹⁹. Conforme os dados estatísticos da população do Rio Grande do Sul, apontados pelo censo realizado em 1890, o Estado possuía um total de 459.118 habitantes do sexo masculino, o que representava 51,16% do total da população²⁰. A partir desses dados, é possível deduzir que teriam morrido durante a Revolução aproximadamente 4.500 homens.

Muitos dos que lutaram ao lado de Júlio de Castilhos ou como seus adversários foram mortos em combate por degola, prática de execução que se generalizou durante a Revolução nos dois grupos beligerantes. Conforme destaca Cesar Guazzelli, tanto no Rio Grande do Sul como em todo o espaço platino as guerras se caracterizaram pelo uso de armas brancas que substituíam as escassas peças de artilharia e fazia parte da vida campeira dos peões, que se transformavam em soldados durante os períodos revolucionários:

Os gaúchos tiveram características peculiares como guerreiros, intimamente relacionadas com condições também específicas nas lides das estâncias. Peões de ‘a cavalo’, mais milicianos guardando as propriedades móveis dos patrões, viam nas guerras quase que continuação dos trabalhos rotineiros. O mesmo ginete que arriscava a vida diariamente com as reses *cimarronas*, comparecia como cavaleiro invulgar nas *montoneras*, manejando a lança com a mesma habilidade que o fazia com laço e boleadeiras. E nessas sociedades onde era mister o uso da adaga afiada para courear ou carnear as reses, também era o facão que definia quem era o melhor no ‘primeiro sangue’, ou quem sobreviveria a uma ‘tora’ por desaforo, dinheiro ou mulher. Matar reses ou matar homens, fazia parte da existência de todos²¹.

As notícias sobre a matança desenfreada no Rio Grande do Sul provavelmente chegavam na Capital Federal e os dados eram conhecidos, especialmente pelos responsáveis pela *Revista Ilustrada*, que acompanhou todo o processo desde seu início, embora essa situação não tenha merecido comentários dos seus articulistas. Agostini, ao retornar para o Brasil em 1894, em pleno desenvolvimento do conflito, também deveria ser conhecedor da alta mortalidade ocorrida no sul. Todavia, nenhuma informação

¹⁹ WASSERMAN, Claudia. O Rio Grande do Sul e as elites gaúchas na Primeira República: guerra civil e crise no bloco do poder. In: GRIJÓ, Luiz; KÜHN, Fábio; GUAZZELLI, Cesar; NEUMANN, Eduardo. (Orgs.) **Capítulos de História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 2004, p. 273.

²⁰ FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul. Censos do RS: 1803-1950. Porto Alegre: FEE-RS, 1981, p. 88-89.

²¹ GUAZZELLI, Cesar. Pois então degola: representações da barbárie sobre campeiros e milicianos no século XIX. **História em Revista**. Pelotas, v. 10, p. 57, dezembro de 2004.

textual foi veiculada por seu periódico, embora uma ilustração atestasse que ele sabia das mortes ocasionadas pela Revolução Federalista. (Figura 03).

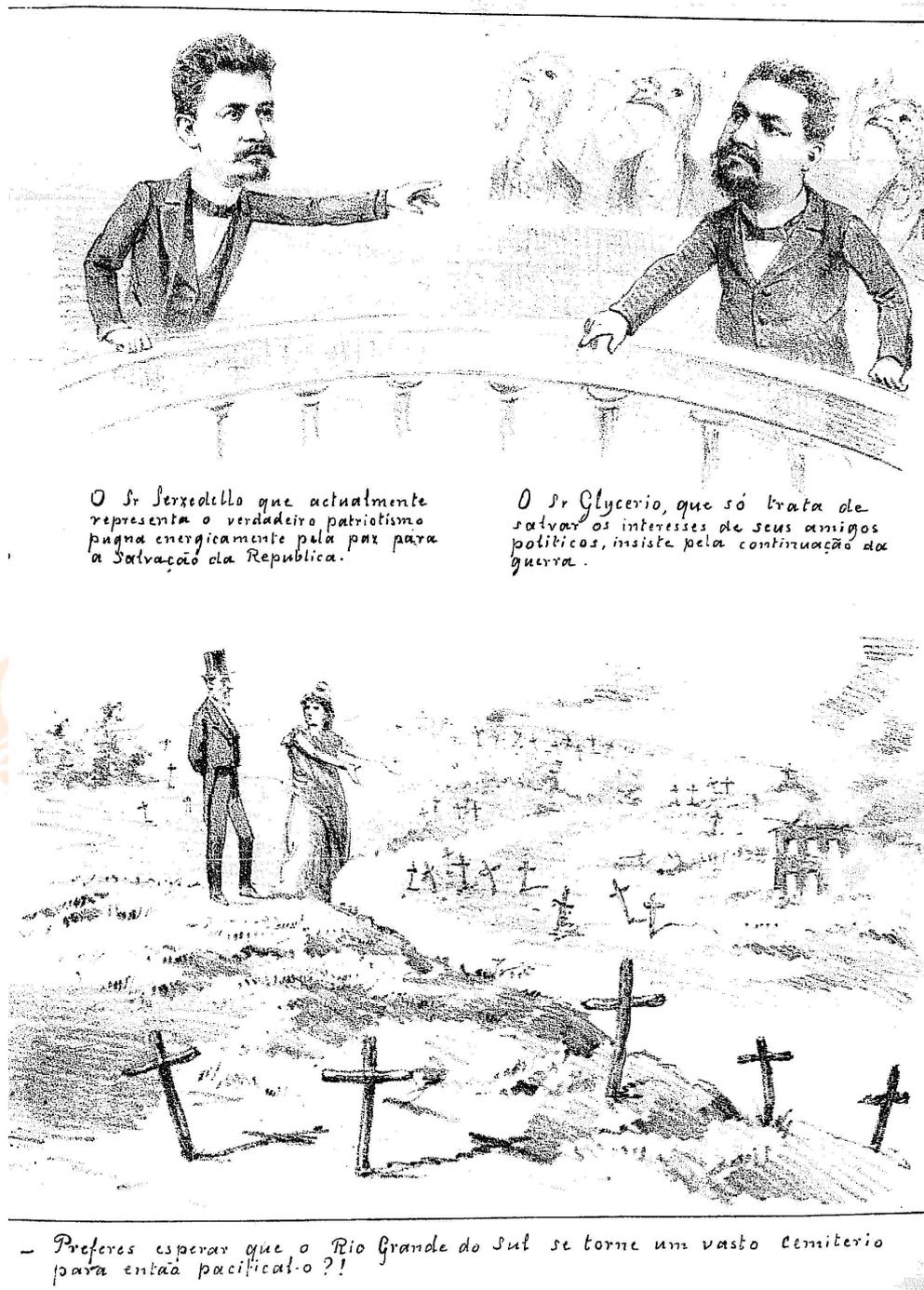


Figura 03: A alegoria feminina da República e o cemitério no Rio Grande do Sul

Preferes esperar que o Rio Grande do Sul se torne um vasto cemitério para então pacificá-lo?!

Fonte: **Don Quixote**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 5, maio/1895. Acervo: Biblioteca Nacional/Rio de Janeiro-RJ

A ilustração de Agostini destacava, no alto, os debates entre os deputados federais sobre a Revolução Federalista. De um lado está o deputado Serzedello, o qual

tem sua opinião compartilhada pelo caricaturista que o considera o representante do “verdadeiro patriotismo, pugna energicamente pela paz para a salvação da República”. Já do outro lado está Francisco Glycério, que, conforme a legenda, defende a continuação do conflito apenas para “salvar os interesses dos seus amigos políticos”. A crítica de Agostini a Francisco Glycério estava relacionada à formação do Partido Republicano Federal de São Paulo, no qual o deputado Francisco Glycério foi um dos responsáveis pela sua organização.

Conforme aponta José Sebastião Witter a “ameaça do sul” vista no grupo dos gasparistas, que caso vencessem a guerra poderiam espalhar seus pontos de vista por toda a nação, foi um dos motivos para a “formação de um partido cujos membros estivessem vinculados à ideia de uma república presidencialista e, largamente influenciados pelos positivistas”.²² O tom da crítica do caricaturista pode ser entendido como direcionado ao deputado que compartilhava dos mesmos pensamentos políticos de Castilhos e, portanto, apoiava a sua causa no Rio Grande do Sul. Já o outro deputado, Inocêncio Serzedello Correia, se destacou na propaganda republicana desenvolvida na Escola Militar do Rio de Janeiro e depois foi deputado constituinte entre 1891 e 1893 e novamente deputado federal entre 1895 e 1902, acompanhando o desenvolvimento do conflito no sul.²³

A parte inferior da ilustração apresenta a alegoria feminina da República com o Presidente Prudente de Moraes. A alegoria é um dos elementos que constituem o conjunto simbólico republicano usado, sobretudo, na França após a Revolução Francesa de 1789 e que foi aproveitada pelos caricaturistas que trataram da República no período da propaganda e no pós Proclamação. Ela levou o presidente para o Rio Grande do Sul para lhe mostrar que enquanto a pacificação ou a continuação do conflito era discutida na Capital Federal, o sul clamava por uma definição que acabasse com o morticínio gerado pelas batalhas. A crítica se direcionou para o tom moderado do Presidente em agir pela pacificação²⁴, ao mesmo tempo em que recriminava os simpatizantes de Castilhos, representado pelo deputado Francisco Glycério.

²² WITTER, José Sebastião. **República, política e partido**. Bauru: EDUSC, 1999, p. 27.

²³ Informações obtidas em <<www.alerj.rj.gov.br>>. Acessado em 10/10/2009.

²⁴ O Don Quixote quase sempre se referia ao presidente Prudente de Moraes, num tom crítico chamando-o de Prudente “De Mais”.

Ao fazer o seu pedido de agilidade no processo de paz para o Rio Grande do Sul, Agostini utilizou a alegoria feminina da República, como uma referência à República do Brasil, que assim como ele clamava por uma solução urgente. A pergunta que a alegoria faz ao Presidente, ao mostrar para ele qual era o cenário rio-grandense que estava sendo construído no Rio Grande do Sul com o conflito, explicitava a sua opinião: “Preferes esperar que o Rio Grande do Sul se torne um vasto cemitério para então pacificá-lo?!”. Ao elaborar essa ilustração Agostini parece que tentava aproximar o Presidente da realidade, mostrando a ele os resultados negativos conquistados no sul.

O desenho do território do Rio Grande do Sul transformado num cemitério cravado de cruces indicava que as discussões em prol da República e da pacificação calorosamente desenfreadas na Capital Federal por homens engravatados, como os deputados, ou de cartola e fraque como foi concebido o Presidente, estavam longe, não só geograficamente, da realidade do conflito. Para reverter esse quadro, Agostini clamava ao Presidente que ele deveria agir pela paz antes que o cemitério se tornasse vasto demais, ou seja, a República solicitava que ele encontrasse os meios necessários para apaziguar e findar a Revolução. Esse pedido, conforme indica a ilustração seguinte, não foi atendido pelo Presidente. Agostini resolveu confeccionar um outro desenho sinalizando de uma forma mais explícita o que deveria ser feito pelo Presidente para iniciar a pacificação. (Figura 04)

A ilustração de Agostini abordava a revolução sem perder, contudo, a sua verve humorística. No primeiro plano ele colocou o personagem símbolo do periódico, **Don Quixote**, montado em seu cavalo e acompanhado de seu escudeiro, Sancho Pança. O cavaleiro traz em sua mão a sua lança e na ponta o presidente Júlio de Castilhos, capturado por ele e levado ao Presidente Prudente de Moraes. Este, sentado em sua poltrona presidencial olha para o alto com uma fisionomia espantada diante do que visualiza. No fundo do desenho está o Pão de Açúcar, aproveitado para situar o local onde se passa a ação e um vapor aportado e preparado para receber e levar os soldados para a Revolução. Na parte direita da ilustração, a alegoria feminina da República, cabisbaixa, olha para os soldados enviados para as batalhas no Rio Grande do Sul.

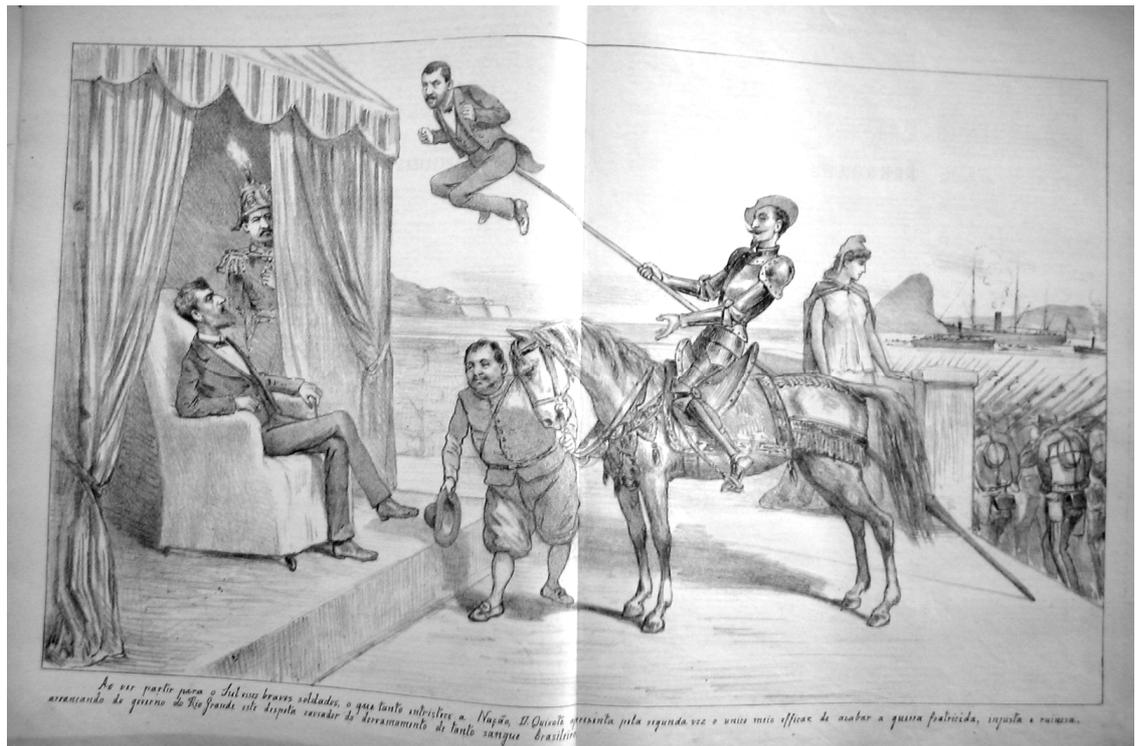


Figura 04: **Don Quixote** apresenta o único obstáculo à pacificação

Ao ver partir para o sul bravos soldados, o que tanto entristece a Nação, D. Quixote apresenta pela segunda vez o único meio eficaz de acabar a guerra fratricida, injusta e ruinosa, arrancando do governo do Rio Grande este déspota causador do derramamento de tanto sangue brasileiro.

Fonte: **Don Quixote**, Rio de Janeiro, n. 20, p.4 e 5, 08 jun. 1895. Acervo: M de Comunicação Hipólito José da Costa/Porto Alegre-RS

Completa ainda a ilustração um comandante, que atrás da cortina espia com atenção a cena.

O tom crítico de Agostini nesta ilustração foi mais incisivo do que aquele da anterior. Primeiro, vale lembrar que o personagem do jornal era constantemente usado por Agostini como uma autocaricatura, ou seja, ele abordava os assuntos e opinava sobre eles pessoalmente, empregando o seu personagem. Nesse desenho, expunha o que já havia trabalhado em outros momentos sobre o conflito no sul, como no texto que intitulava o presidente como um czar sanguinário. No entanto, a mensagem agora se tornou mais enfática e direcionada, uma vez que na opinião do caricaturista a solução para a pacificação no sul somente ocorreria se Castilhos fosse destronado do poder. A legenda narrava a ação e colocava esta opinião de Agostini: “Ao ver partir para o sul bravos soldados, o que tanto entristece a Nação, D. Quixote apresenta pela segunda

vez²⁵ o único meio eficaz de acabar a guerra fratricida, injusta e ruínosa, arrancando do governo do Rio Grande este déspota causador do derramamento de tanto sangue brasileiro”.

Na frase era salientado que era a segunda vez que apresentava a melhor forma para a pacificação no sul: a retirada de Castilhos do poder. O Presidente, contudo, continuava com a mesma atitude vista na ilustração em que lhe foi mostrado o território do Rio Grande do Sul transformado num imenso cemitério. Agora, sua forma de apresentação, sentado e com as pernas cruzadas e olhar de admiração ao ver Júlio de Castilhos na ponta da lança, também direcionam o quão longe ele estava da realidade do sul. Agostini ainda usou essa ilustração para criticar o envio de mais tropas, mais “pica-paus” para combater os opositores de Castilhos. Uma parte da legenda afiançava ser sangue brasileiro que estava derramado, indicando que não foi apenas o dos rio-grandenses, ou seja, de castilhistas e seus adversários, pois o conflito já havia se transformado numa problema nacional. Agostini provavelmente se amparava nas informações sobre o número de soldados que já haviam sido enviados e dos que continuavam sendo mandados para a guerra. Desde o começo da Revolução, o então presidente Floriano Peixoto deu apoio integral a Castilhos e colocou o exército federal a sua disposição²⁶.

Já a alegoria feminina da República, simbolizando a Nação, não foi concebida ultrajada, sangrando ou amedrontada numa referência as batalhas que ocorriam no sul. Para amparar a sua crítica, Agostini optou por apresentá-la com seus elementos tradicionais – vestes brancas e barrete frígio – apenas modificando a sua fisionomia. Ela foi desenhada triste, com um olhar maternal dirigido aos seus filhos, que se deslocavam para um conflito no qual não tinham noção sobre contra o que ou quem estavam lutando e nem o porquê. Eles somente obedeciam às ordens de seus superiores, como o amedrontado capitão que espiava Castilhos içado na lança de **Don Quixote**. Restava a alegoria apenas lastimar o envio de seus soldados para uma guerra fratricida, enquanto o tirano Castilhos continuava no poder e, conforme o caricaturista, única razão pela qual a revolução continuava.

²⁵ No número 4 de 16/02/1895 Agostini já tinha veiculado um desenho semelhante a este. Na ilustração Dom Quixote retira Júlio de Castilhos da cadeira do governo do Rio Grande do Sul sob o olhar assustado de Sancho Pança.

²⁶ PESAVENTO, Sandra. **A Revolução Federalista**. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 88.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Revolução Federalista de 1893 foi finalizada em setembro de 1895, pouco mais de dois meses após a veiculação da ilustração que solicitava a retirada de Júlio de Castilhos do poder. A parte textual do **Don Quixote** e as ilustrações de Agostini constituíram uma opinião concisa do periódico, ou seja, contrária aos conflitos no sul. Apesar de iniciar a sua circulação somente no último ano da Revolução, o jornal não deixou de noticiá-la e criticar o personagem principal e opinar sobre o melhor caminho para a paz indicado nos artigos e nas ilustrações: Júlio de Castilhos era o empecilho à pacificação no sul e deveria ser destituído do poder. A opinião veiculada no jornal foi diferente daquela defendida pela **Revista Ilustrada** que, como analisado, simpatizava com o presidente do Rio Grande do Sul e não o considerava como um obstáculo para a finalização do conflito, ao contrário, colocava-o como o único capaz para executar tal tarefa.

Os dois periódicos citados e analisados ao longo do artigo exemplificam o contexto conturbado vivido pela República em seus primeiros anos. Revoluções, revoltas e conspirações políticas contestavam o poder do governo republicano o qual se defendia com prisões, degredos e enviando soldados federais para combater os insurretos. Essas questões não passaram despercebidas pela imprensa ilustrada que acompanhou esse processo de concretização da República no Brasil. Com uma circulação inicialmente direcionada à Capital Federal, portanto no centro do poder, os dois periódicos optaram por caminhos diferentes na hora de transmitir suas opiniões e pontos de vista aos seus leitores, ou seja, as suas visões de mundo ou, como afirmou Roger Chartier, “como gostariam que fosse”.²⁷

A **Revista Ilustrada**, oriunda do período imperial e conhecida por sua campanha em prol da Abolição dos escravos, escolheu defender aqueles que estavam na direção do novo regime. Já o **Don Quixote**, de Angelo Agostini, provavelmente decepcionado com a opção da **Revista**, preferiu o caminho da crítica aguerrida aos que estavam comandando a República. Essas escolhas, no entanto, demonstram, por um lado, a tensão política vivida no início dos anos 1890 e, por outro, que as opiniões não

²⁷ CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia*. A História entre certezas e inquietude. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: UFRGS, 2002, p. 19.

eram unânimes em relação as formas de condução do governo republicano. Considerados a partir destas questões, os periódicos ilustrados do Rio de Janeiro analisados neste artigo são avaliados como uma fonte imprescindível e privilegiada para o entendimento da política do tempo, uma vez que, mesmo direcionados ao humor e a sátira, abordavam o governo da incipiente República não passou despercebido por seus caricaturistas.

